

A última alvorada

VICTOR A. GUERRA, NOÉ SOZINHO, LUCAS CASSULE E ARNALDO DE OLIVEIRA

(CONTO)

FICHA TÉCNICA

Título: A última alvorada

Autores: Victor Amorim Guerra, Lucas Cassule, Noé Sozinho e Arnaldo Oliveira

E-mail: geral@esobreler.ao

Design de capa: Lucas Cassule

Paginação e diagramação: É SOBRE NÓS EDITORA

Revisão: Victor A. Guerra | Lucas Cassule

Edição: e-book gratuito

© 2020 Direitos reservados aos autores mencionados acima

Reprodução proibida sem autorização por escrito dos mesmos.

“Aquilo que se faz por amor está sempre além do bem e do mal.”

Friedrich Nietzsche

“O desejo é o pai do poder”

Chateaubriand

NOS RECÔNDITOS DO KICOLO

Certo dia, no centro do Kikolo, um pai de família decidiu mudar a sua vida.

Três foram os dias e três foram as noites de choro e medo dos obuses e este homem sem palavras para dizer aos filhos.

Naquele dia ele iria dar melhores condições de vida à família. A decisão estava tomada.

Lágrimas caíram toda a noite antes de dormir, pensado no que fazer, mas dentro de si existia sempre uma esperança, para o seu problema

— Xinguita, vou entregar-me! vou ser militar e sustentar a casa com a ajuda de custos! — falou decididamente, Ngunga.

— Ngunga, e se fores morto? De que nos vai servir os subsídios?

No fundo do seu ser ecoavam as palavras da noite anterior: — *Xinguita, vou entregar-me, vou ser militar e sustentar a casa com a ajuda de custos!*

— *Ngunga, e se fores morto? De que nos vai servir os subsídios?*

Muitas das vezes, a mulher frustrada com as condições de vida da família xingava-o em plena rua: — Que tipo de homem és tu que nem um pão consegues dar aos teus filhos? És um fra-

cassado! Um cão sem dono! Maldita hora que te aceitei! Deveria ter ouvido os conselhos dos meus pais, deveria formar-me antes de manter! Agora, sou obrigada a vender na zunga para sustentar um homem matulão que não sabe fazer nada. Não sei se tenho mais medo de bala perdida dessas rajadas que tem havido um pouco por todo o lado ou de as minhas crianças morrerem de fome — dizia Xinguita.

— Está tomada a decisão, eu vou entregar-me na tropa, não importa se volto vivo ou morto.

Ngunga falava determinado, olhava para a esposa, para os filhos que minguavam de fome, para as condições da casa, não podia continuar inerte. Partiria.

Na manhã seguinte, aproveitou a alvorada enquanto a esposa e os filhos dormiam, deitou as mãos na mochila, colocou duas vestes de roupas e saiu em silêncio, deixando uma carta sobre a mesa.

“Não importa o destino que vou trilhar, nem o que o futuro me reserva, mas tudo o que farei será para o vosso bem, se eu não voltar nesta minha nova caminhada, escreva nos vossos corações que tudo isso eu fiz por vocês, lágrimas escorrem sobre o meu rosto enquanto escrevo esta carta. A partir de agora sou um peregrino em busca do desconhecido.”

Às seis horas da manhã, Xinguita acordou, olhou para a cama, escrutinou à volta da casa, o esposo não estava. Ao passar ao lado da mesa viu um papel dobrado junto de uma caneta azul,

o coração começou a bater forte, o seu corpo tremia enquanto desdobrava a missiva.

Enquanto lia, os seus olhos inundavam, as lágrimas invadiam-lhe o rosto — Maldito homem suicida! – balbuciou, rasgando o papel e levando as mãos à cabeça.

Depois de ter desfeito o papel em pedacinhos, um vento suave e estranho atravessou as frestas da janela, os papelinhos ganharam voo, despertando uma certa curiosidade à Xinguita. Um dos pedaços caiu justamente à sua frente, esta recolheu-o e releu o trecho nele escrito: “... *apesar de tudo, eu amo-te.*”

Foi como se a carta tivesse sido reescrita, não havia esse último trecho na carta, ou será que ela ficara tão revoltada que não tinha prestado a atenção devida? Xinguita não conseguiu evitar um choro de arrependimento.

Os meninos acordaram também e flagraram a mãe em prantos, sentada no chão e com a cabeça inclinada, soluçando.

— Mamã o que se passa? Estás a chorar por quê? Onde está o papá?

— Filhos vocês ainda são tão pequenos para entenderem certas coisas. O vosso pai viajou, foi em Malanje visitar a vossa avó e poderá demorar algum tempo, então a partir de agora eu sou a vossa mãe e o vosso pai.

Desde aquele dia, Xinguita acordava todas as manhãs, reunia

as crianças e orava a favor do seu esposo.

Um mês depois, uma comitiva dos Serviços de Logística Militar “SLM” passou em sua casa, deixaram mantimentos alimentares em nome de Ngunga. Havia feijão, arroz, fuba, óleo e alguns enlatados. Um momento de alegria para aquela Família, Ngunga conseguira realmente.

— Por favor, têm notícias do meu marido? — perguntou aquela mulher, aproveitando a ocasião.

— Ele está muito bem, foi transferido para a 3ª Região no Muxalando — informaram os representantes, e fora assim em todos os reencontros que se foram alternando, alguns mais demorados, outros nem por isso.

O Bravo guerreiro foi promovido a sargento era um militar exemplar, que combatia com vontade de vencer a guerra e voltar com vida à sua família. Xinguita soubera também, recebera a boa notícia dos mesmos homens.

Após seis meses de ausência, aquela mulher estava preocupada, sempre que vinham os representantes do SLM trazer mantimentos, ela exigia que os mesmos fornecessem uma prova viva do amado. — Pelo menos uma fotografia, podem usar essas vossas rádios para falar com o meu marido! Como saberei se ele está realmente em vida?

— Minha senhora, estamos em guerra, a guerra não é uma

brincadeira! Mantenha a calma, vamos continuar a apoiá-la, manteremos contacto — diziam.

Depois de ter assumido as patentes de sargento, os bens alimentares e de primeira necessidade tornaram-se abundantes na casa de Xinguita, aquela mulher recebeu a notícia com farfaras em casa, amigos e familiares próximos juntaram-se à festa. Havia bebidas e kitutes da terra, como deve ser.

Passando mais três meses, ela recebe uma carta da 3ª Região onde o esposo se destacava. Ngunga tinha tombado em combate. Uma desgraça para aquela senhora, que ficou em lágrimas e prantos, ela e os filhos ficaram desolados. Os senhores da logística desapareceram, depois do último reforço para acudir o óbito, Xinguita nunca mais os viu.

Sabe-se que a Dona Xinguita tem andado de baixo para cima a fim de tratar os documentos que lhe permite beneficiar do subsídio de viúva e os de órfãos para os filhos, já faz alguns anos, parece um processo sem fim, o drama da burocracia institucional.

A vida e a morte são parceiros de mãos dadas. Dona Xinguita continua a sair de casa e fica à espera de ver o marido a voltar. Ela sabe que ele não volta. Ela sabe. Os filhos são a cara do pai e vão crescendo, escolhendo os seus caminhos. Ela não sabe para onde eles irão. Ela sabe que vai ficar à espera do amor da sua vida, o único amor.

Nesta situação morreram vários bravos jovens guerrilheiros, nos anos que lá se foram, e até hoje milhares de viúvas e órfãos ainda aguardam, com sofrimento as pensões de sangue dos seus entes queridos que deram as suas vidas em troca da liberdade de um povo. A estes bravos combatentes da liberdade, esta é a nossa singela homenagem.

Fim

